ANO I — N.º 14 — 21 DE AGOSTO DE 1941 — PREÇO: 1 ESC.

Vida MUNDIAL Ilustrada

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

CASCAIS, a linda vila e praia que pretende ser elevada à categoria de cidade. (Foto do grande artista J. Kirchner, especial para «Vida Mundial Ilustrada»).

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 2 5844

Vida Mundial Ilustrada

JOSÉ CANDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, COLABORAÇÃO DE

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNÂNI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
DR. LOPES DE OLIVEIRA
MANUEL L. RODRIGUES

DR. AMÉRICO DURÃO
ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
AUGUSTO FERREIRA GOMES
F. CARVALHO HENRIQUES
BRAMÃO DE ALMEIDA
Etc.

UM PARADOXO DE OSCAR WILDE

Óscar Wilde e a Inglaterra puritana foram sempre antípodas. Irlandês por nascimento, medularmente artista, o espírito rebelde de Wilde encontrou, no ataque a uma sociedade preconceituosa, um filão que lhe deu uma obra imortal.

A luta foi desigual. E o pobre e genial Wilde acabou por ser vencido. Enredado num processo escandaloso, que abalou a sua reputação, morreu, em França, exilado, esquecido, pobre e desgraçado.

Tinha, o escritor genial, o culto do paradoxo. O culto e até o snobismo. Comprazia-se, sempre que podia, em «épater le bourgeois»...

Lembra-nos, agora, um dos seus paradoxos mais famosos: «a Vida copia a Arte». Muitos dos que o lêram, encolheram, certamente, os ombros, com cepticismo, convencidos de que a Vida não copiava, de facto, a Arte.

Puro êrro. A Vida copia a Arte. E, em especial, desde que o cinema adquiriu, tècnicamente, grande poder de expressão e se tornou universal.

Um filme que se faz em Hollywood dá, em regra, a volta ao Mundo. Tôdas as raças, todos os paises, todos os povos o vêem, e são por êle influenciados.

Um homem, quanto mais consciente mais impermeável se torna às influências externas. Guia-se pelas suas próprias razões e não lhe fazem mocega as dos outros. E êste conceito aplica-se, de igual modo, a um povo.

Mas os homens de cultura precária e os povos de civilização rudimentar sugestionam-se com grande facilidade. Um filme é capaz de os modificar. Quási insensìvelmente sentem-se tentados a imitar o que vêem. Fazem, dum rôlo de celuloide, uma Bíblia, — pelo menos, a sua Bíblia.

Estas considerações nasceram duma conferência feita, há tempos, no São Luís, por Ferreira de Castro.

Contou-nos êle, através da sua viagem pelo Iraque, a visita que fêz a um «cheik». Descreveu-nos essa figura de oriental com o seu poder de observação, um pouco atenuado pela sua grande e larga simpatia humana, que lhe veda o recurso da ironia, mesmo para com os poderosos, que êle detesta por muito amar os humildes.

Só conheciamos o «cheik» através dos filmes. E o «cheik» com quem êle falou, era uma personagem de película.

Ironia de Ferreira de Castro? De nenhum modo. Os «cheiks» procuram assemelhar-se à imagem que dêles nos oferecem os filmes. E daí o já não haver, talvez, um «cheik», um único «cheik» que não pareça vedeta de Hollywood.

Êste exemplo chega para comprovar o paradoxo de Wilde. E ainda bem que assim acontece, pois o espaço não nos permite apresentar outro...

CRISTIANO LIMA

Vida Mundial Ilustrada

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00. — África: 12 meses (48 números) — 60$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

PORTUGAL 1941

crónica por Alice Ogando

QUANDO CANTA A COTOVIA

Tôda a gente gosta de passar o verão em qualquer parte, é uso, é agradável, é principalmente bem, mesmo quando se está mal. Além disso, uma vilegiaturazinha é muito recomendável a todos aqueles a quem uma vida intensa de trabalho — ou de descanso — esgote.

Repouso! Ar livre! Paz! Eis a trindade tentadora.

Também eu quis o meu quinhão de repouso e, como não me é possível ir e não quero ficar, resolvi o problema passando o verão... no combóio.

Não é repousante talvez, mas tem os seus encantos, goza-se mais intensamente as horas calmas, os minutos de férias.

Já a própria viagem é um símbolo.

Entra a gente no túnel e sente a pesada sensação do trabalho, dos deveres, da Vida real. Êle passa, a claridade ardente do sol cega-nos, inunda-nos, e a sensação de repouso vem. Então, bebe-se àvidamente a alegria de viver, a paisagem é um verso fresco que nos soa aos ouvidos, inundando-nos uma indisível sensação de paz. Gosto.

Depois, outra vez um túnel mais pequeno, e de novo o descanso: Sintra, as suas serras, o seu encanto, a melancolia das suas árvores vèlhinhas.

É evidente que não lhes vou falar do mágico encanto de Sintra, para isso dou a palavra a «lord» Byron.

Aí chegada, recolho-me à sombra tranqüila e dôce das árvores de uma quinta, e o meu espírito, em completa calma, entrega-se à contemplação das coisas simples: as flores, os animais, a vida.

Pois foi aí, à sombra de uma figueira frondosa, estendida em confortável cadeira de lona, que me senti de súbito arrebatada e transportada ao tempo em que ainda falavam os animais como a gente.

A culpa teve-a o senhor «Nino», um cão pesado e déspota, que, numa grande cêrca destinada à criação — o mundo dos bichos, como lhe chamam — saíu do seu lugar e resolveu alvoroçar tôda a vizinhança, entretendo-se a pisar, entre as patas sapudas, pintainhos indefesos, arrazando tudo, tirando do bico dos franganitos os vermes que a mãi galinha amorosamente lhes procurou.

O sr. «Nino» quere a cêrca tôda para si; e assim, tudo esmaga, porque se sabe pesado, forte, aniquilando aquêle que se opuser ao seu desejo. Ao princípio desta luta, o galo, num galhardo gesto de bravura, ainda saíu em defesa das consortes, dos filhos, da capoeira devastada, soltando enérgicos cócórócós e afiando os esporões.

Afastei os olhos do quadro com um sorriso triste, e como vou ali agora repousar e não para filosofar, desviei-os para quadro mais risonho.

E, logo com essa lamentável atracção para a tristeza que nos ensinou a cantar o fado, voltei-os, momentos depois, de novo para aquêle campo de manobras. E vi, com assombro, pactuando já com o inimigo, não só o galo de crista rubra, inclinada para a direita, cedendo o seu lugar, a sua capoeira, mas — e isso confrangeu-me — também as galinhas em atitudes aliciantes, cacarejando amorosamente, fazendo reluzir as penas diante do inimigo, erguendo para êle olhares languidos, para conseguirem, míseras e mesquinhas, um lugar na ocupada malga das sêmeas.

E, nessa altura, eu vi passar uma sombra de desdem no olhar torvo do «Nino», emquanto se afastava para as deixar misericordiosamente viver. Está provado que a fêmea não deve ser um animal humilde, por muito galinha que seja...

Ao ver as espôsas amparadas pelo grande senhor, o galo soltou um novo «cócórócó» que tinha agora o som lúgubre de um grunhido.

As galinhas continuavam cercando o cão, emquanto na garganta rouca de um pato mudo, solitário, distante, se formava uma frase só: «Ah! que se eu pudesse falar!».

Mas logo «Nino» foi meter o nariz na água pura dos patos, para em seguida, desvairado de ousadia, investir para as coelheiras. Não pôde entrar — era grande de mais — mas, impiedoso, fêz ir tudo pelos ares, e os coelhitos, loucos de assombro ante o monstro rosado, corriam em tôdas as direcções, lançando um S.O.S. com as suas orelhas trémulas.

Fleumáticos, no seu imenso lago, os cisnes brancos desafiavam «Nino», na sua ilha inespugnável. «Aqui não entras». Justamente o poderoso animal rondava, olhando o lago alto, medindo o salto...

Certa raposa matreira, surgiu, de repente, no alto de um monte, soltando um uivo agudo, desgarrador. Desviei a vista na direcção do trágico ruído. Nos olhos verdes e obstinados do animal, fitando «Nino», Senhor da cêrca — aquêle mundo de tôda a criação — lia-se um desafio.

Sòzinho, encolhido, o pato mudo — cronista daquela luta — continuava a ter pena de não poder falar.

Na ramada mais alta de uma acácia florida, uma cotovia soltava trinados de amor, hinos à vida, orações ao sol, ave pequenina, alegre e louca que, sem temor, cantava, cantava, cantava!

Minha linda cotovia, canta, canta porque o céu que cruzas é português, e como o sonho, é tesouro lírico da raça, canta cotovia, canta, embala-nos o repouso do corpo, porque o do espírito — ai dêle! — já não se pode embalar com cantigas.

Cotovia linda, canta, és poeta, canta cotovia. Eu sou portuguesa, sonho.

A POESIA E A REVISTA

«Zé dos Pacatos» é um título que diz pouco, quási nada. Uma revista mais, pensa-se.

Calcule-se o nosso assombro quando, ao levantar o pano, chegam até nós versos que sabem a campo, a rosmaninho, rubros como beijos, ternos como promessas de namorados! E, a seguir, fresco, humano, arrancado a um livro imortal de Eça, aparece-nos «Jacinto», o da «Cidade e das Serras», ouvindo cantar, fremente de entusiasmo, um hino à vida e à Terra — em português.

Evocar uma personagem de Eça de Queiroz num quadro nacional, deve ser a maior homenagem a prestar, hoje, ao autor do «Primo Basílio»...

Garante-se que a unidade, a harmonia, a literatura, enfim, é acessório inútil numa revista.

Oliveira Guimarãis prova o contrário, o público aplaude, nós aplaudimos, êle esfregaria a barriga de contentamento (se o tivesse), porque é sempre bom ter razão, principalmente nós, que temos quási sempre tão pouca!

Quantas vezes o espírito de Eça pairando, por exemplo, sôbre qualquer círculo que tenha o seu nome, ouvindo falar, ler, escrever e contar em francês, não dirá com os botões do seu espírito sempre vivo: «Valha-me aqui o **Zé dos Pacatos**». E se a voz vibrante do autor do «Mandarim» pudesse, em muitos momentos, chegar cá abaixo, sôbre a nudez forte das suas palavras, êle não poria — juro-o — o manto diáfano da fantasia.

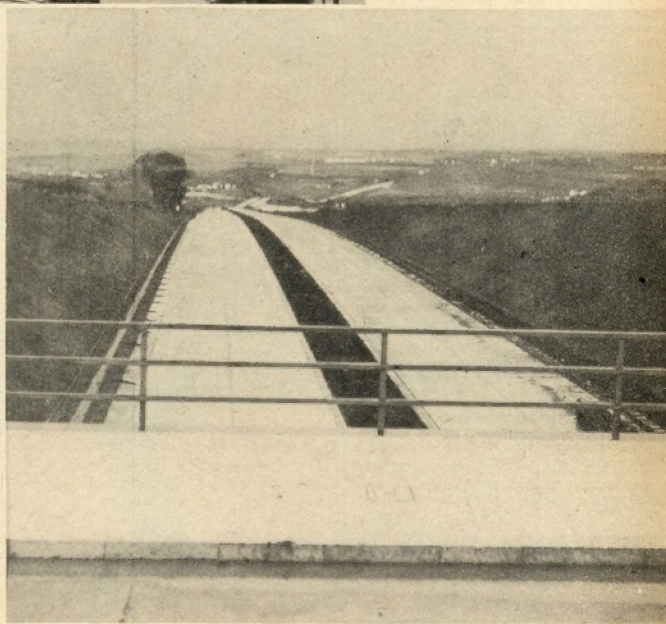
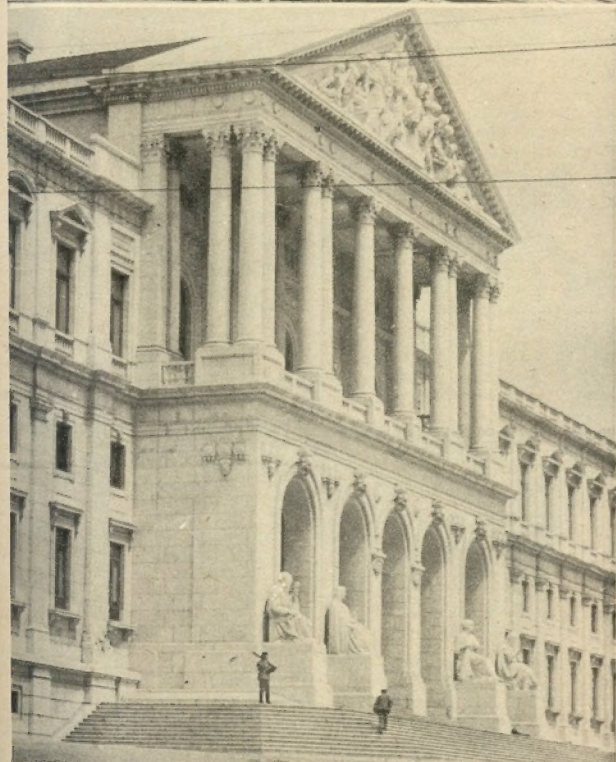
SANTOS E MÁRTIRES

Roma anucia com tôda a solenidade, a canonização do beato João de Brito.

O apóstolo de Maduré tornou-se um santo mais, pronto a escutar as súplicas dos crentes e a interceder por êles junto de Deus.

Consagrou êste homem a vida inteira à Verdade, e por ela morreu,

(Continua na pág. 12)

LISBOA NOVA

EM CIMA: O novo edifício da Casa da Moeda que foi agora entregue ao Ministério das Finanças. À ESQUERDA, em cima: O novo aspecto da fachada do majestoso edifício do Palácio da Assembleia Nacional. EM BAIXO: Um dos mais pitorescos recantos do Jardim da Estrêla, depois dos notáveis melhoramentos que lhe foram introduzidos. À DIREITA: Uma visão do que virá a ser a grande auto-estrada Lisboa-Cascais, através de duas expressivas fotos.

CALÇADA DA GLÓRIA

NÃO SE PODE DIZER MAIS!

TRANSCREVEMOS êste trecho dum programa de festejos realizados há dias em Penela por iniciativa da Câmara: «Às 22 horas e 30, dará entrada no Pavilhão o Rancho Regional «Os Simpáticos Matulões», onde tão lindas moçoilas e pernaltudos rapazes pela primeira vez exibirão os seus folclóricos cantares, dançando aerodinâmicamente as mais pirotécnicas, fosfóricas e esquisitas canções».

O CONDE DE FARROBO

FARROBO, cuja figura deve considerar-se das mais representativas entre as que formaram a plutocracia romântica, repetia, com freqüência, aos seus amigos êste desabafo lapidar:

— Levei quási tôda a minha existência a atirar oiro às mulheres. Quando me voltava para as apanhar — era mais do que certo que já lá não estavam nem as mulheres, nem o meu oiro...

PAPAGAIOS

CONTA Alberto Bramão:

— Por alturas da Revolução de fevereiro de 1927 havia em certa rua do bairro da Estefânia dois papagaios que, vivendo em prédios fronteiros, passavam os dias a tagarelar. Com os primeiros tiros da revolução emudeceram. Quando a revolução terminou e se restabeleceu o sossêgo, os bichos recuperaram a fala, mas durante os primeiros tempos só diziam, de bico murcho, imitando os tiros:

— Pum!

— Pum!

UM LINDO ENTÊRRO

O escritor espanhol D. José Maria Salinas residente em Lisboa, acaba de publicar um volume — *Paisages y mujeres* — no qual veem incluídas quatro apreciações críticas sôbre o livro, firmadas por quatro escritores espanhóis ilustres. A êste respeito escreve o *Diário de Notícias*: «Esta original maneira de trazer um livro à luz, levado por quatro amigos, como por cá é costume fazer para conduzir um morto à sepultura é um dos muitos e graciosos imprevistos que a gente topa nêste belo livro».

Aqui está o que se chama irònicamente um lindo entêrro. É caso para o autor dizer, em puro castelhano:

— Lagarto, lagarto!

TEATRO

SHAKESPEARE surgiu, há pouco, em Palhavã, com o *Sonho duma noite de verão*. Vai, em breve, surgir no *Apolo*, com a revista *O bairro da Mouraria*. Sim, porque a revista é da autoria de Mário Shakespires...

CEPTICISMO

DUAS pessoas conhecidas — todos nós somos pessoas conhecidas, pelo menos da família e dos credores... — escreveram uma peça que entregaram a Alves da Cunha para a sua próxima temporada. A alguém que preguntava o que vinha afinal a ser a referida peça, um dos autores respondeu, num vago cepticismo:

— Uma peça... sobressalente!

COELHO COM BATUTAS

Mal Ruy Coelho nasceu, logo duas fadas surgiram, envoltas nas suas túnicas, para fadar o menino.

— Tu serás virtuose, Ruy! — disse uma.

— Ruy, tu serás temerário! — exclamou a outra.

A primeira, deu-lhe uma batuta; a segunda — um bengalão.

Eis, em meia dúzia de palavras, a história dum destino. Quem tiver seguido a existência agitada e, sem dúvida, gloriosa, de Ruy Coelho, não deixou certamente de encontrar, mais do que uma vez, êsse bengalão assomadíssimo — e essa batuta infatigável. E — caso curioso — aquilo que, à primeira vista, nos surge como uma estranha contradição, é afinal neste homem a coisa mais natural do mundo. Se foi possível harmonisar êstes dois sistemas aparentemente irreconciliáveis — a música e o cacete — essa harmonia realizou-a, com a mais requintada das bravuras, o espírito, ao mesmo tempo musical e revolucionário, de Ruy Coelho. Espécie de D. Quixote da melodia, espécie de Chopin do inconformismo, dá-nos a imagem, de certo modo exacta, dum esguio atleta do ritmo. A sua obra é um reflexo da sua vida. A sua vida é uma expressão da sua música. Incontestàvelmente, é uma personalidade. Há trinta anos que colecciona as pedras que lhe têm atirado — para com elas construir, êle próprio, a sua estátua... Não é preciso dizer mais.

MIRITA-VASCO

MIRITA Casimiro e Vasco Santana casaram agora em Sintra — mas ao contrário.

Quere dizer: Quando tôda a gente casa em Lisboa e vai, em geral, passar a lua de mel a Sintra, êles casaram em Sintra e vieram passar a lua de mel a Lisboa...

DIÁLOGO

— SABES, mulher, porque te amo?

— Calculo.

— Enganas-te. Amo-te, porque te não conheço...

A SOGRA DE ADÃO

A sogra de Adão chamava-se Serpente. A árvore do Pecado era a sua árvore genealógica.

MULHERES

RAUL Brandão, na sua viagem aos Açores, conheceu nas Lages um tipo curioso que fazia canoas e se chamava o *Chatinha*. Era filósofo. Uma tarde, dizia ao escritor:

— Eu cá por mim não faço nada sem consultar primeiro a minha mulher. Oiço sempre aquela santa. Ainda outro dia tinha de fazer um barco. — «Ó mulher, faço um barco ou uma canoa?» — «Faz uma canoa» — respondeu ela. Vai daí, fiz um barco.

E concluía para Raul Brandão:

— A gente deve consultar sempre as mulheres — para fazer o contrário do que elas dizem. Vossa Senhoria, não acha?

VERDE-GAIO

UM dos novos bailados que Francis vai ensaiar, no seu grupo, tem por motivo estes dois versos conhecidos:

O verde-gaio é meu
Não o dou a mais ninguém...

A POMBA

UMA vez, uma senhora, conversando com o actor Estêvão Amarante, disse-lhe que o seu maior desejo seria êste: Ser pomba. E, ao mesmo tempo, preguntou-lhe:

— E você, o que gostaria de ser?

Logo Amarante respondeu:

— Um pistolão.

JUDEUS?

COM tão infatigável brilho o dr. Norberto Lopes, chefe da redacção do *Diário de Lisboa* e nosso querido amigo, fêz, no seu jornal, o reclame da peça *Israel*, de Henri Bernstein, que já por aí dizem que êle, embora nascido em Trás-os-Montes, tem costela judaica. Má língua. Só uma coisa é certa: é que o dr. Norberto Lopes, gloriosamente contaminado pelo autor da peça que tão brilhantemente traduziu, passou a assinar-se:

— Norberto Lópestein!

FILOSOFIA

NA vida os verdadeiros filósofos — tomai nota — são aqueles que não se preocupam com a filosofia da vida.

FÔRÇA DE EXPRESSÃO

LUIZ Pastor de Macêdo, espírito de fina erudição, no seu recente volume *Tempos que passaram*, faz-nos a história da Rua da Madalena. A propósito dos incêndios de que esta rua tem sido teatro, transcreve a nota de certo informador na qual é referida a morte dum tal senhor Palhares, nêstes termos... «da queda resultou ter perdido a vida sem tempo para exalar o último suspiro».

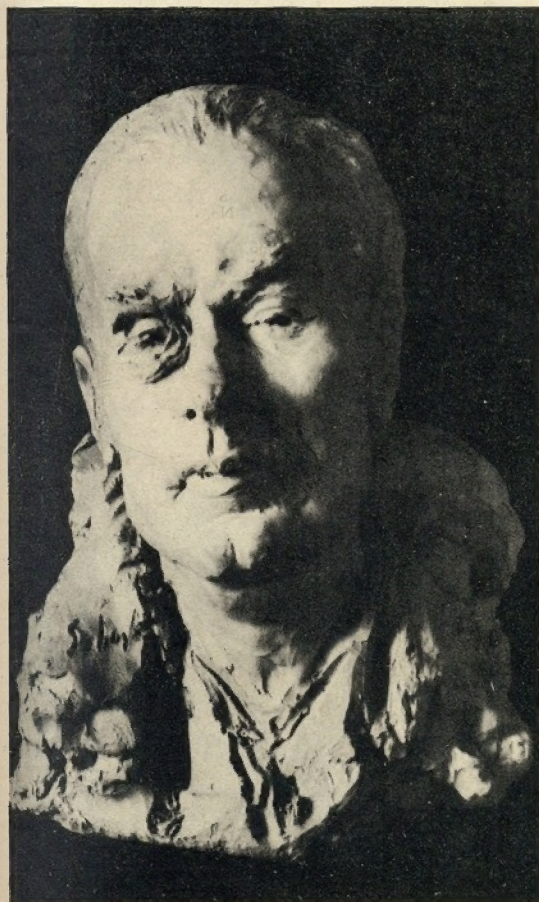
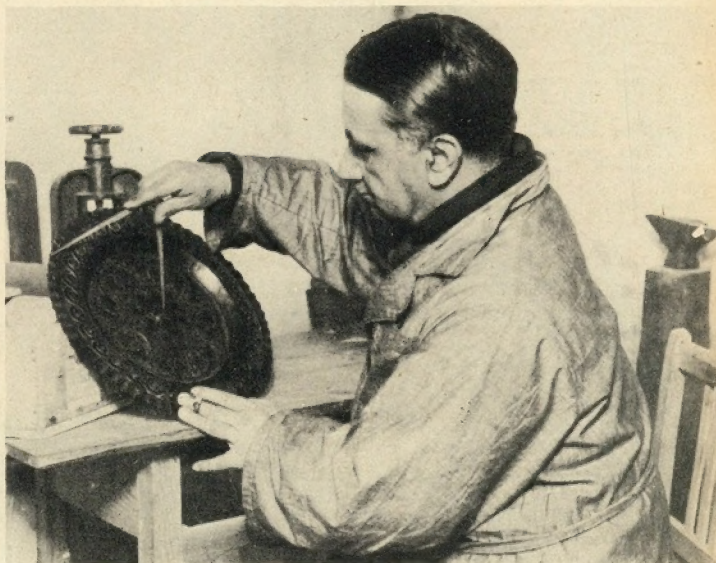
Completo.

PRIVAÇÕES

VIVER de privações será uma forma de viver — ou de morrer?

Luiz d'Oliveira Guimarães

ABEL SALAZAR

talento multiforme

ABEL SALAZAR, médico, sábio histologista, cujo nome científico ultrapassou fronteiras, antigo professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Pôrto, autor de numerosos trabalhos fundados em estudos seus e em investigações valiosas, é, nas letras e nas artes, talento multiforme que impressiona, sempre em constante renovação, em aperfeiçoamento de métodos. Pintor e gravador, magnífico nos óleos e nas aguarelas, pujante nos carvões, subtil nas águas-fortes, extraordinário nas gravuras em madeira, fizeram êxito retumbante as suas últimas exposições realizadas em Lisboa e no Pôrto — verdadeiros acontecimentos artísticos para o nosso meio. Prosador de belas qualidades, filósofo, os seus livros de impressões de viagem e de crítica de arte ficam na nossa literatura contemporânea como obras de indiscutível valor, a atestar uma delicada personalidade de esteta e humanista. Agora, porém, Abel Salazar apresenta-se-nos em novas modalidades artísticas — novas facetas do seu talento multiforme. São elas a escultura e a cinzelagem. O sábio, o escritor e o pintor aparece-nos nesta página em dois instantâneos tirados no seu gabinete de trabalho. À esquerda, em baixo, uma das suas primeiras esculturas: Um busto do sr. dr. António Joyce que se destina ao Jardim-Escola João de Deus, de Coimbra, e que é uma magnífica e verdadeira obra-prima no género.

na Frente Oriental

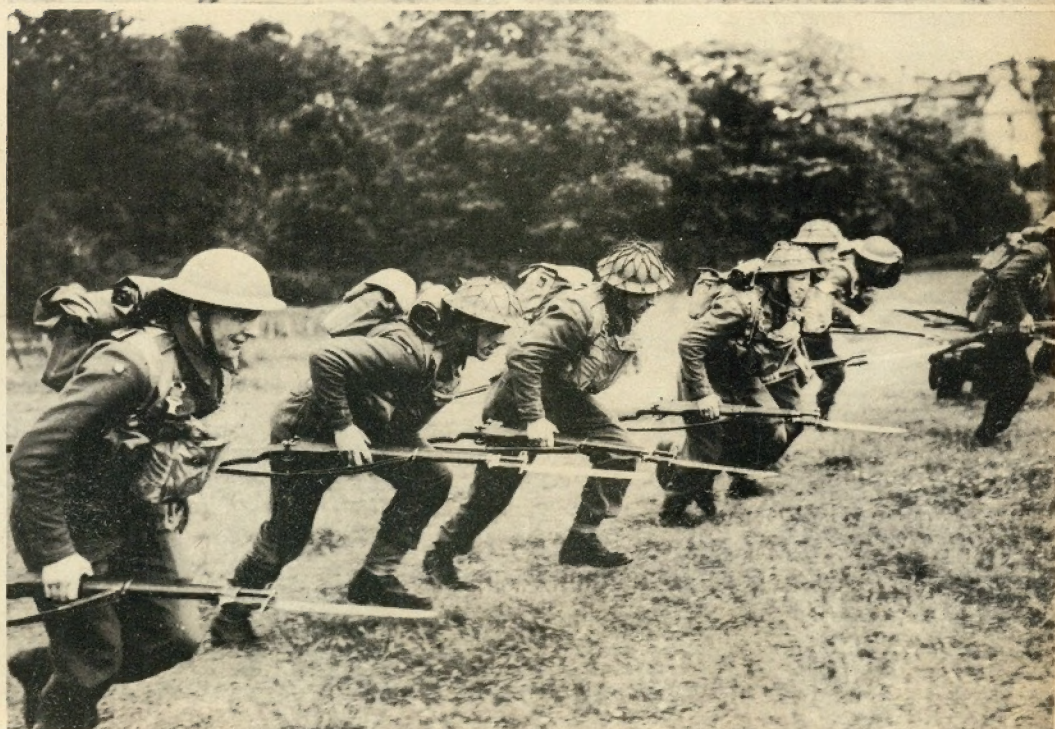
O GENERAL ANTONESCO, «Condutor do Estado» romeno e comandante das fôrças germano-romenas que actuam no sector do sul da frente oriental, desloca-se ao campo de batalha para observar os movimentos das tropas.

UM GRANDE «COMBÓIO» DE TROPAS MOTORIZADAS «ALEMÃS» avança, com uma fila interminável de veículos, ao longo duma das estradas que conduzem à «frente».

UM SOLDADO INSPECCIONA, com precaução, um dos fortins da Linha Estaline posto fora de combate e depois conquistado pelas fôrças de choque alemãs. O fortim, construído em cimento, estava bem camuflado e poderosamente defendido por metralhadoras e duas peças de artelharia.

UM TIRO CERTEIRO DA ARTELHARIA ALEMÃ destruiu a parte superior dum potente «tank» russo que é analisado por oficiais do Reich após o combate naquela região ter terminado.

UM SOLDADO DAS TROPAS DE CHOQUE ALEMÃS, APÓS A CONQUISTA DUMA COLINA, observa os incêndios que lavram ao longe, na planície, ateados pelas tropas russas.

OS NORUEGUÊSES *preparam-se para o combate*

ENQUANTO SE ANUNCIA, DA NORUEGA, estarem completos os trabalhos de defesa da Linha Falkenhorst — na iminência duma eventual invasão — as tropas norueguesas que se encontram na Inglaterra, combatendo ao lado das fôrças aliadas, activam o seu treino, sob as ordens dos seus oficiais e dos comandos britânicos. Damos nesta página alguns aspectos dos exercícios ùltimamente realizados por essas fôrças num ponto do norte da ilha. De cima para baixo: a defesa duma posição; o manejo duma metralhadora ligeira do novo tipo utilizado pelo exército inglês; e o assalto à baioneta a uma posição inimiga. — (Fotos «Britanova»).

A guerra no Extremo Oriente

UANG-XING-UEI e o seu govêrno

por José de Freitas

O recente reconhecimento pelas potências do «eixo» do govêrno chinês instalado em Nanquim, sob a presidência de Uang-Xing-Uei, não alterou de qualquer forma a situação política, militar e diplomática do Extremo Oriente. Malograda a chamada «Ofensiva de Maio», preparada pelos japoneses com tantos cuidados e tanto tempo, a China de Chang-Kai-Chek, com êsse êxito militar, conquistou junto da América e da Inglaterra uma posição que lhe permite obter um auxílio efectivo em armas e em créditos, e consolidou internamente a sua autoridade que nenhum sucesso até agora abalara. A acção diplomática da Itália e do Reich, sem quaisquer conseqüências práticas imediatas que possam abalar o poder do govêrno de Xung-King, representam, apenas, um gesto amigável de cortezia para com o Japão. O que Matsuoka não conseguiu durante a sua viagem à Europa, obteve-o agora Tóquio, mercê da guerra germano-russa e do próprio pacto assinado em Moscovo. Êste facto prova mais uma vez as íntimas relações que existem entre a política da Europa e a política da Ásia.

Jogando habilidosamente na defesa

UANG-XING-UEI, chefe do govêrno dissidente instalado em Nanquim.

dos seus interêsses imperiais, o Japão procura tirar os maiores proveitos da presente guerra. Embora permaneça neutral e esteja ligado pelo Tríplice Pacto às nações do «eixo», não hostiliza os Estados Unidos com a violência costumada nem ataca a Inglaterra. Procurará repetir o papel de medianeiro que tão bem representou no conflito da Indochina com o Sião? Ou quererá aproveitar-se da situação europeia para prosseguir na sua política de expansão para o Sul, exigida por uma grande maioria de governantes, fortalecidos com o argumento de que a campanha da China, até agora, só tem enfraquecido o país? A posição nipónica, depois das severas sanções aplicadas por ingleses e norte-americanos faz lembrar a atitude italiana no começo da derrocada da França. Qual será o objectivo secreto da ocupação da Indochina?

Simples medida intimativa, ou a primeira etapa para a conquista da fertil península de Malaca — e o ataque a Singapura e às Índias Holandesas? Ao mesmo tempo, as concentrações de fôrças japonesas na fronteira do Manchuco com a U. R. S. S. e o afastamento de Matsuoka do govêrno podem levar a supor acontecimentos militares nessa frente, onde o ambiente criado por constantes conflitos de fronteira não deve ser de amizade.

No entanto, só a evolução dos acontecimentos militares em África e, especialmente, na frente oriental determinarão a futura atitude do Japão.

DUAS CHINAS?

O leitor pouco atento aos problemas do Extremo Oriente, apenas com as escassas informações telegráficas publicadas nos diários, pode raciocinar: «Estamos em presença de duas Chinas; uma partidária da colaboração com o grande império insular, outra que luta pela sua independência. Esta, governa-a Uang-Xing-Uei; aquela, orienta-a Chang-Kai-Chek.»

Para encontrar uma justa explicação desta complicada política que se não pode apreciar superficialmente, somos forçados num rápido resumo a historiar os objectivos nipónicos na China. Quando rebentou o conflito, o Japão procurou limitar a luta à China do Norte. Ocupada Pequim; instituiu ali um govêrno autónomo com autoridades chinesas.

A resistência dos exércitos de Chang-Kai-Chek obrigou, porém, Tóquio a ampliar a zona de guerra no continente amarelo. O govêrno nacional, perante a pressão das fôrças japonesas, bem equipadas e municiadas abandona Han-Keu, perde Nanquim e instala-se em Xung-King, cidade do interior, nas margens do Yang-Tsé. E, imediatamente, os comandos militares do invasor protegem a formação dum outro govêrno na China do Centro, com sede em Han-Keu. Dividida em duas grandes zonas, a China do Norte e a China do Centro, com governos distintos e rivais, pràticamente desmembrado, o grande país não possuía, sequer, fôrça moral para se opor às ambições do estrangeiro. Mas os resultados desta política foram medíocres. A-pesar da rigorosa fiscalização exercida, os japoneses lutavam com grandes dificuldades para impor ao povo estes governos, sem prestígio e sem moral. Com as próprias autoridades que criara, a que Xung-King chamava «governos fantoches», surgiam cada vez mais as complicações. Os guerrilheiros, nas regiões ocupadas lançavam o pavor e a morte. Em Xangai, quási diàriamente, eram assassinados os chineses que colaboravam com o Japão.

As dificuldades de carácter militar que nessa altura, fins de 1938, começam a aumentar, juntava-se a impossibilidade de pacificar o território ocupado.

O GOVÊRNO DE UANG-XING-UEI

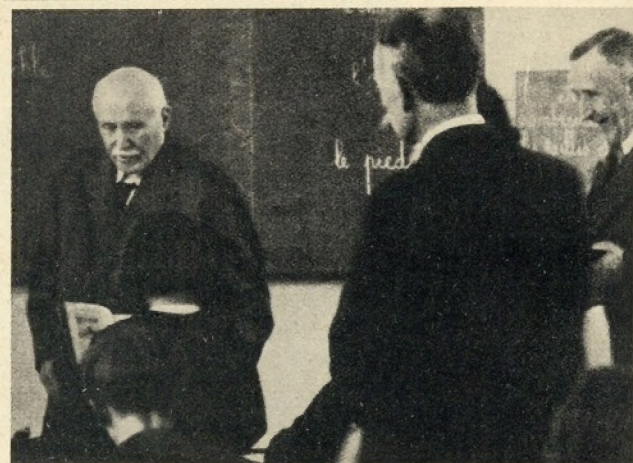
Foi então que, provado o malôgro desta política de ocupação, os dirigentes de Tóquio procuraram criar um govêrno federal para tôdas as regiões ocupadas.

Verificando a impossibilidade de vencer num curto prazo o Presidente da República Lin-Sen e o generalíssimo Chang-Kai-Chek, alma de tôda a resistência, o Japão procurou entrar em negociações secretas com Uang-Xing-Uei, antigo Presidente do Yuan Executivo, colaborador e confidente de

O GENERAL SUGIYAMA, chefe do Estado Maior do exército japonês, condutor de uma das ofensivas militares contra a China, conversando com Uang-Xing-Uei.

Sun-Yat-Sen e ministro dos Estrangeiros do govêrno de Xung-King. Era um golpe de mestre. Uang-Xing-Uei e Chang-Kai-Chek foram sempre rivais políticos. Pessoalmente, mesmo, não tinham um pelo outro quaisquer espécies de simpatias. Quando, há treze anos, o cabo de guerra chinês, marcha sôbre Pequim para unificar a China, Uang-Xing-Uei instala-se em Han-Keu, onde forma um govêrno pretensamente comunista. As rivalidades vinham de mais longe: quando Sun-Yat-Sen morreu, Uang-Xing-Uei quis ser o «leader» do Kuomintang e a sua política de oposição a Chang-Kai-Chek obrigou o generalíssimo a abandonar durante alguns anos o seu país, onde não encontrava suficiente segurança.

Dá-se, em 1938, um lance teatral na política chinesa. Uang-Xing-Uei e sua mulher fogem de Xung-King, de avião, aparatosamente, e chegam a Hong-Kong. Nesta possessão britânica e na Indochina, onde se instala depois, o conhecido político chinês estabelece relações directas com as autoridades de Tóquio. Em Julho de 1939, Uang-Xing-Uei, que se encontra em Xangai, pronuncia pela rádio um longo discurso em que ataca violentamente a política de Chang-Kai-Chek e expõe o seu programa de colaboração íntima com o govêrno japonês. Mas uma grande indiferença, até uma surda hostilidade, acolhem estas declarações. O passado de Uang-Xing-Uei e a sua ambição desmedida, põem de sobreaviso o povo. E, enquanto os meios oficiais de Tóquio o aplaudem com entusiasmo, o govêrno nacional chinês acusa-o de traidor. Os jornais da China não dão grande relêvo ao discurso. E os próprios «ardinas» de Xangai e outras cidades ocupadas recusam-se a distribuir o texto da declaração. Nos meios diplomáticos, o acontecimento não se reveste de qualquer importância.

A-pesar disso, Uang-Xing-Uei, apoiado pelo Japão, forma um govêrno e instala-se em Nanquim, enquanto os governos de Pequim e Han-Keu desaparecem sem qualquer atrito. Mas o problema subsiste. Os japoneses não encontraram ainda a maneira de dividir a China que resiste e luta pela sua independência. A cisão provocada por Uang-Xing-Uei, há mais de dois anos, não teve quaisquer conseqüências na evolução dos acontecimentos militares, políticos ou diplomáticos do Extremo Oriente.

O MARECHAL PÉTAIN visitando uma escola de instrução primária para inquirir dos conhecimentos dos futuros homens da França, as crianças de hoje.

Panorama Internacional

O que se previu no "POTOMAC"

por Francisco Velloso

A orientação que a ofensiva alemã contra a Rússia acaba de tomar, no sentido de Odessa e buscando a ocupação das margens da Ucrânia no Mar Negro, depois dos violentos esforços que, durante sete semanas, dirigiu especialmente sôbre Mocovo e Leningrado, isto é, sôbre os centros políticos vitais moscovitas, rasgou um novo horizonte, no panorama, que já descrevemos, das possíveis hipóteses de surtidas alemãs.

A declaração conjunta de Churchill e Roosevelt que o major Atlee revelou no dia 14, fixou as concepções que a Inglaterra e os Estados Unidos formam das bases mais ou menos gerais em que deve assentar uma futura paz, e estabelecem a colusão anglo-americana.

Além do acontecimento diplomático importantíssimo do envolvimento do Continente europeu pelo bloco intercontinental dos quatro grandes países em luta contra a Alemanha que já descrevemos e em tôrno do qual tudo regira — os dois acontecimentos acima apontados, entram já na conseqüência dêste que veio transformar caracteristicamente a situação internacional entre 7 e 14 de Agosto.

MUDANÇA DE RUMOS

CHURCHILL

Vejamos em primeiro lugar o significado da variação da ofensiva alemã, lançada a todo o pano no sul da Rússia.

No dia 9, em carta de Berlim, *El Pueblo*, de Madrid publicava o seguinte:

«No dia em que Hitler tenha situado os seus homens ao largo da fronteira da Rússia com a Turquia e o Irão, poderá dizer-se que a grande batalha do Canal de Suez vai começar. Os ingleses sabem perfeitamente as conseqüências que a vitória total da Alemanha na Rússia terá para as últimas possessões que a Gran-Bretanha conserva no Mediterráneo. E é por esta razão que o sr. Eden intensifica a sua política de intrigas no Próximo Oriente, e que em tôda a extensão das fronteiras do Iraque e do Irão vão sendo concentradas numerosas fôrças armadas que alguns técnicos já calculam em cêrca de 60.000 homens. Enquanto os militares andam a resolver a campanha da Rússia, os diplomatas já preparam o que será a próxima luta em todo o Próximo Oriente».

Este trecho vale por um programa e a dupla autoridade que lhe advém da sua proveniência e de seu estampado na imprensa espanhola, não consente que se lhe imputem tendências anglófilas.

No dia 8, Eden, intervindo no debate na Câmara dos Comuns, anunciára que «deve aguardar-se para breve a ofensiva britânica no Próximo Oriente», e, depois de acentuar que para isso ali convergem grandes reforços em gente e material vindos dos Estados Unidos, da Índia e de África, e de reiterar que a Inglaterra não faz guerra para conquistar territórios, acrescentou: «Conclue-se daqui que, da nossa parte, só pode haver uma política para com tôdas *aquelas nações que vivem na região limitada a Oeste do Canal de Suez e a Leste pelas fronteiras da Índia. Desejamos que vivam as suas próprias existências em segurança e em paz. Lembro a êsses territórios que os próximos golpes vibrados pelas nossas fôrças sê-lo-ão tanto a favor da sua própria independência como da nossa.* Daqui deduz-se o seguinte corolário: êsses países devem cooperar comnôsco para garantirem que não darão oportunidades à Alemanha ou ao «eixo» de criar perturbações que exijam o aumento do seu esfôrço de guerra».

Ora, coligindo o transcrito passo de *El Pueblo* com estes dizeres do ministro inglês, a modificação nas directrizes da ofensiva alemã contra a Rússia, lançada com singular afã sôbre o Mar Negro e os inquietantes movimentos que se notam na fronteira turco-búlgara (e Eden advertiu Sofia de severo ajuste de contas) marcam com clareza o novo rumo alemão das coisas, no sentido de novamente desconcentrar para pontos da periferia o esfôrço britânico e tentar a rutura do envolvimento sôbre regiões de valor económico para o abastecimento do Reich que passam a ter nêsse plano lugar superior aos objectivos políticos que inicialmente orientaram a Campanha a leste.

A PÉRSIA AS PORTAS DA INDIA

RIBBENTROP

Rendidos a Síria e o Iraque, as vistas alemãs por êsse lado, só podem projectar-se para a Pérsia ou Irão e para a Turquia. A primeira funcionaria como uma perfuração nas rectaguardas inglêsas ateando o incêndio às portas da Índia, e para lá de há muito conduzem os alemães, já como seus técnicos já como turistas especiais, elementos de influência junto do govêrno de Teherão, entre os quais os próprios drs. Schacht e Funck que desde 1934 por lá andaram, em contacto com o govêrno presidido por Daftary, a lançar raízes e a implantar capitais a diversas emprêsas de exploração industrial. Pode mesmo dizer-se que a Pérsia tem sido um viveiro de crescentes influências de Ribbentrop. Durante o período vitorioso da rebelião no Iraque, chegou a esperar-se um levantamento germanófilo na Pérsia.

Desde 28 do mês passado, os govêrnos inglês e russo fizeram diligências em Teheran protestando contra a permanência de instruídos núcleos alemães no país, ao que o govêrno respondera prometer estudar o assunto havendo começado a evacuar alguns dêsses agentes estrangeiros. Outro tanto fizeram êsses dois govêrnos no Afaganistão, metido entre a Inglaterra e a Rússia. Londres e Moscovo, consideraram, porém, tal resposta como incompleta e insuficiente, e a 11 e a 17 voltavam a reclamar quási intimativamente uma decisão do govêrno persa, exercendo para tanto uma pressão que realmente fêz aparecer de retôrno em Ankara alguns daqueles especialistas alemães que Berlim despachára para Teherão. De facto, se a situação do Iraque era capital à defesa da Síria, da Transjordânia e da própria Turquia, não o é menos a do Irão, comandando desde o Golfo Pérsico todo o caminho do Oriente. O transporte de submarinos e vedêtas e a acção da aviação topariam ali bases excelentes para o Reich. Um levantamento de tropas prejudicariam sôbre a fronteira com a Rússia e a Turquia uma defesa da zona Caucásica contra arrancos alemães ao longo do Mar Negro. E Wawell que tem mostrado o que vale na reorganização do exército da Índia, ainda a 14 avisava que era indispensável fazer a defesa da Índia inglêsa fora das suas fronteiras. E é de crêr que assim aconteça. A *mão forte* impõe-se a Londres e a Moscovo, sem tardanças.

A CHAVE DA MANOBRA

VON LIST

Mas todo êste plano alemão tem sua chave em Ankara. Eden, no seu discurso par lamentar já citado, significou-o bem, sublinhando a observância leal do tratado anglo-turco a base da amizade dos dois países e das suas cooperações durante e depois da guerra, e como se propalassem com visíveis intenções, rumores de que Londres forjava projectos à custa da soberania turca, os govêrnos inglês e russo, no dia 10, apresentaram pelos respectivos embaixadores, ao govêrno do presidente Inonu, uma declaração, em textos idênticos, segundo a qual nem a Inglaterra nem a Rússia «têem qualquer intenção agressiva a respeito da Turquia» e prometem a esta o seu apoio e assistência se fôr atacada por outra potência. Duas afirmações importantes continham êsses documentos: — uma que as duas grandes potências não têem reclamações a formular sôbre o regime do Estreito dos Dardanelos, e a outra, com mais entrelinhas, que o govêrno turco «não pode manter a mera dúvida àcêrca da política que deve seguir para com o Reino Unido da Grã Bretanha e para com a Irlanda do Norte. Doutra parte, após estas declarações (inicialmente contidas no último discurso de Eden) novos armamentos chegaram à Turquia, fornecidos pela Inglaterra.

Von Papen continua em Ankara, vigilante e activo, tecendo a sua teia de aranha e procurando alimentar a chama de um dissídio russo-turco, para o que alega a existência de ambições moscovitas sôbre os Estreitos — miragem histórica, com que Berlim acenara a Estaline ao negociar-se o pacto de 1939, e agindo por outro lado com a ameaça búlgara às fronteiras, sob o comando de Von List. Cripps é em Moscovo o temível rival de Von Papen. A 30 de Julho, anunciava se o seu próximo aparecimento na capital turca onde Saradjoglu nada mais fez do que prosseguir uma política entre o equilíbrio possível numa situação instável e a decisão da defesa das fronteiras. Ainda a 6, o presidente do govêrno, Saydam, denominava essencial o pacto turco germânico de 17 de Junho e elogiou a «moderação» e o bom senso britânicos» e a confiança e amizade da Inglaterra para com a Turquia. E quando no dia seguinte, a imprensa búlgara rompia *ad hoc* numa campanha contra a nação vizinha, prolongada com violência nas emissões radiofónicas, — ao que o *Haber*, jornal turco, retorquia fero, que a paciência poderia exgotar se — o ministro da guerra Naci Tinaz acudia a afirmar em Ankara à *United Press* que a nação, reforçando o seu armamento, defenderia a sua independência, fôsse contra quem fôsse.

A previsão feita em Londres de que a ofensiva alemã sôbre o mar Negro fere ou intenta ferir pelo Caucaso e no Irão as linhas da Índia, confirma-se tôda em Ankara, tornada ponto nevrálgico dessa larguíssima manobra diplomático-militar de que Von Papen, batido na campanha da Síria, é o artífice. Se um dia os alemães bombardearem Baku, o estrondo do canhonheio alarmará Ankara. E é possível que nêsse momento, o pacto turco-germânico deixe de ser o biombo que tem sido daquela manobra, e que as colunas alemãs que entrem em Odessa, sejam secundadas por um assalto dirigido desde as bases da Bulgária contra os Estreitos.

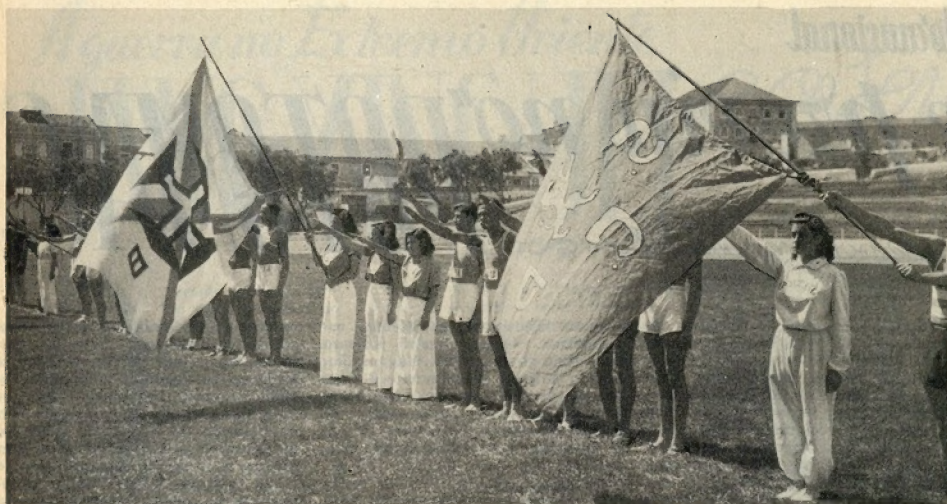
Ver-se-á isto a tempo em Ankara? O ministro da guarra inglês, Margesson, disse a 17 em New Castle que todo o Médio Oriente poderia incendiar-se de um momento para o outro. O avanço alemão sôbre Nicolaiev assim o indica. E é uma perda importante para as posições russas no Mar Negro.

1942

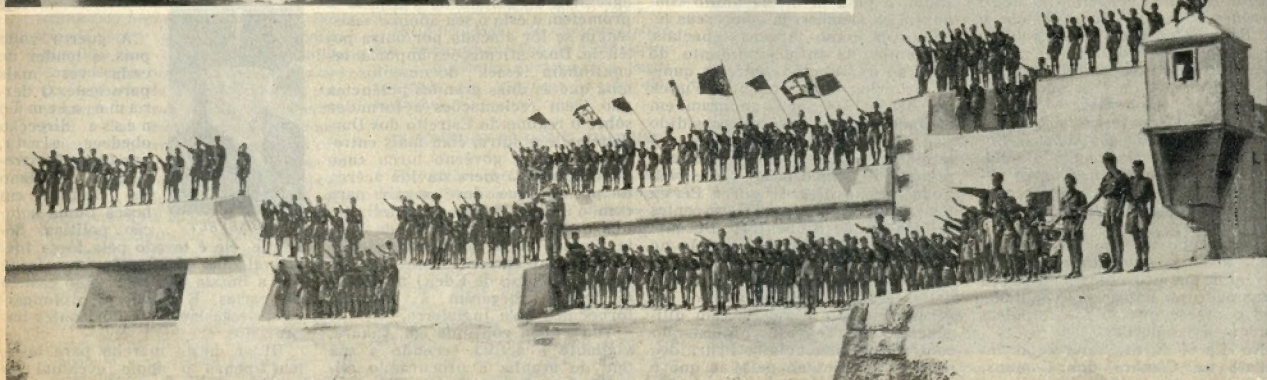
ROOSEVELT

A guerra volta pois, a tender de cada vez mais para leste. O derrame alemão nessa direcção obedece ainda, por atracção irresistível, do plano de Berlim em busca duma solução política. Sòmente, êle é levado pela fôrça inelutável das circunstâncias, desde que a Rússia não caíu como castelo de cartas. E a guerra prolongar-se-á desgastante até horizontes imprevistos.

Hitler, nesta marcha para leste, tem apenas o apoio eventual da

(Continua na pág. 12)

Acontecimentos da SEMANA

UM ASPECTO DA PARADA ATLÉTICA realizada no Estádio das Salésias.

EM CIMA, à esquerda: Os náufragos do «Frankfurt» e os oficiais do contra-torpedeiro «Vouga», seus salvadores, a quem foi oferecida uma festa nos jardins do Palácio da Legação da Alemanha. EM BAIXO: Alguns dos convivas do jantar oferecido pelo sr. embaixador do Brasil aos actuais descendentes dos vice-reis. EM CIMA: O dr. Moisés Garcia Mella, novo ministro da República Dominicana, após a entrega das credenciais ao Chefe do Estado. AO FUNDO: Filiados da «Mocidade Portuguesa» no forte de Caxias, na festa nacional de 14 de Agôsto.

O VITRAL inaugurado no Quartel do Carmo em honra de Nuno Alvares Pereira.

DOIS ASPECTOS DO ACAMPAMENTO da «Mocidade Portuguesa», em Belas.
(Fotos feitas com películas «Ferrânia»)

A X VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA continua a interessar vivamente os entusiastas do desporto. A foto mostra-nos um aspecto das movimentadas finais de étapa. Francisco Duarte corta a meta em Santiago do Cacém.

JOSÉ ALBUQUERQUE, «O FAISCA», uma das mais populares figuras da Volta, ganha a étapa que terminou em Beja, destacando-se, ao «sprint», dos adversários.

O ENTUSIASMO DO PÚBLICO PELA COMPETIÇÃO patenteia-se bem nesta foto, tirada à partida da Cova da Piedade, comêço de uma das étapas da Volta.

PANORAMA INTERNACIONAL

O QUE SE PREVIU NO "POTOMAC"

(Continuação da página nove) *Por Francisco Velloso*

Pérsia (perigo que Londres precisa de conjurar) e do Japão. No Pacífico as posições não mudaram. Ocupada servilmente a Indo-China, Tóquio despeja agora tropas na Manchúria, jogando lenta e calculadamente com Berlim, para a hora em que à Alemanha convenha oprimir Moscovo na fronteira siberiana e a Inglaterra através do Sião — colocado similarmente na função da Turquia — em Singapura.

Um rastilho acêso incendiará os hemisférios.

E, precisamente porque se chega a êste acúme, Churchill e Roosevelt tiveram de ajustar as peças da formidável máquina que conduzem contra o Reich. A entrevista, projectada em Fevereiro, não tem outro significado. Por detraz da declaração conjunta dos oito pontos está mais do que a enunciação de princípios, uma consolidação definitiva do bloco dos países aliados, e, pode já dizer-se, a ofensiva futura contra a Alemanha.

Os princípios enunciados são uma aclaração de aspirações e doutrinas antes expostas pelos dois chefes. Mas o que nêles vale tangìvelmente é esta frase: «Após a destruïção final da tirania nazi», e as afirmativas de que nem a Inglaterra nem os Estados Unidos procuram conquistas territoriais e de que o mapa do mundo só será alterado por vontade dos povos livremente expressa. Há dois anos, porém, que a um e outro lado do Atlântico norte, os chefes dos dois países fazem tudo por obter uma intercooperação perfeita. Depois do rasgo da ocupação da Islândia que transformou a batalha do Atlântico quebrando os arrancos da guerra submarina, essa máquina anglo-americana entrou agora em pleno funcionamento, em ligação com a Rússia e com a China.

A conferência de Hoopkins e Beaverbrook em Moscovo com os comandos moscovitas, saíu como conclusão necessária da conferência a bordo do *Potomac*. A resistência russa é vital condição para a eficiência da acção do bloco aliado inter-continental. Por isso Londres e Washington lhe dão todos os reforços. Margesson dizia na sua oração, já aludida, que Auchinleck não deve suportar sòsinho no Egipto o pêso de um ataque alemão no Médio e Próximo Oriente.

E se o aprofundamento da ofensiva de Hitler para leste convém aos Aliados, tal vantagem não pode ser hàbilmente utilizada pelos seus contrários, desde que êle consiga atingir certos limites essenciais a uma futura reacção daquêles, que também não podem dispensar a vantagem do inverno e os efeitos conseqüentes do desgaste da campanha.

Estamos nos fins de agosto. Na primeira quinzena do mês que vem, o leste europeu começará a ser açoitado pelas primeiras rajadas. A guerra tem de entrar ali em acelerações raivosas. Hitler mantém — coberto nas rectaguardas ocidentais pela conivência de Darlan e Laval, que mais uma vez optaram por Berlim contra Washington, e pela franca amizade espanhola — Hitler mantém as suas perspectivas de uma vasta acção no outono. Tem de romper o cêrco. Ou o faz por leste ou por oeste, em ligação com o Mediterrâneo.

Na entrevista histórica de *Potomac* não se deve ter cuidado de outra coisa, já que a resistência moscovita desde 22 de junho, estabeleceu, conforme Churchill um dia previu, contra uma promessa de Adolfo Hitler, que 1942 seria o grande ano da guerra.

PORTUGAL 1941

(Continuação da segunda página) *Por Alice Ogando*

espalhando a fé e a doutrina que professava, oferecendo expontâneamente a sua existência ao serviço de Deus. A sua palavra vibrante semeou o Evangelho; a sua mão bondosa fêz cair, sôbre a cabeça dos gentios, a água sagrada do baptismo.

Comovidamente, todos aqueles para quem a palavra bondade tenha qualquer significado, se inclinam ante o Santo, ou ante o Homem.

Mas, ao vermos agora atingir a canonização tão merecida êste sêr sacrificado pela sua fé, não podemos deixar de pensar, um rápido segundo, em todos os mártires obscuros, cujo nome ninguém mais poderá fixar, que lutam nesta hora, que sofrem por causas que podem não ser as suas, pois, muitas vezes, a mão que dispara não é sempre guiada por um cérebro que compreende.

Entre aqueles que espalham a destruïção e a morte, alguns existem de-certo — e só por isso os podemos qualificar de humanos — que acabam a sua vida como vis carrascos e sem saber **porquê**, sem compreender, principalmente, para **quê**.

Morrer por uma ideia **nossa**, pela **nossa** crença, sofrer por um ideal que floresce dentro de nós, é doce martírio, se o compararmos com o de outros mártires, não iluminados pela luz poderosa da Fé!

É bem mais admirável cumprir um Destino, que uma ordem.

A alma boníssima de João de Brito, deve estremecer de gratidão, bendizer o seu Destino. Santo pela canonização de Roma, Santo ainda que não fôsse canonizado, João de Brito obedeceu, ao cumprir o seu martírio, a essa voz mais que tôdas forte, que soa dentro de nós e um Homem, nunca sofre demais, quando obedece a uma vontade: a Sua.

Beato João de Brito — tu que morreste a semear o Bem — pede a Deus pelos que morrem inconscientemente a espalhar o mal, por tôda a superfície da Terra.

Aviadores INGLESES

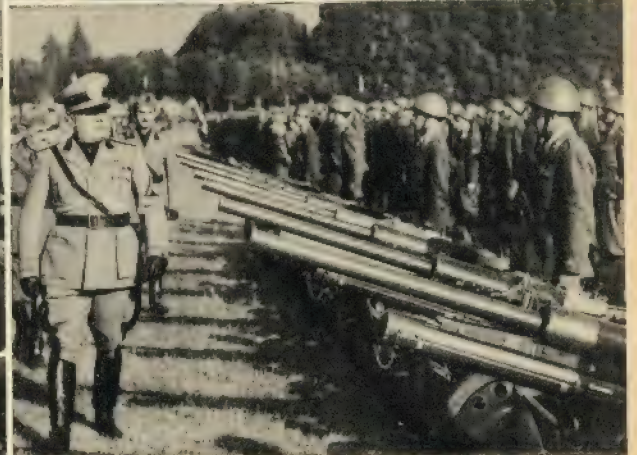
UM PILÓTO DUM AVIÃO DE «CAÇA» DA R. A. F., ferido em combate, sai do hospital pelo braço duma enfermeira, e prepara-se, sorridente e confiante, para o seu primeiro passeio, após o que irá, de novo, tomar contacto com o espaço azul, «mais perto do céu e mais longe dos homens».

O GENERALÍSSIMO FRANCO, Chefe do Estado espanhol, passa revista, durante a festa da Escola Militar Superior, à guarda de honra que era formada pelos novos oficiais recentemente elevados ao pôsto de tenente.

ALGUMAS DAS NOVAS BOIAS DE SOCORRO que vão ser espalhadas no canal da Mancha e dentro das quais se encontra tudo quanto é necessário para um aviador, caído ao mar, poder viver durante dois ou três dias.

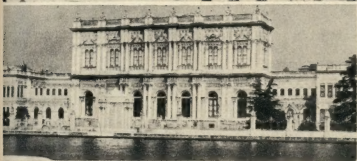
OS MARINHEIROS INGLESES, para enviarem uma mensagem dum barco de guerra para outro usam êste curioso processo: a mensagem, atada a um fio, é disparada por uma espingarda especial sôbre um alvo colocado na chaminé.

A ITÁLIA na Guerra

À DIREITA: Curioso instantâneo tirado a bordo duma unidade de guerra italiana empenhada em combate com fôrças adversárias no Mediterrâneo. A foto mostra-nos o trabalho dos artelheiros no municiamento dos canhões duma tôrre dupla dum contra-torpedeiro.

DE CIMA PARA BAIXO E DA ESQUERDA PARA A DIREITA: Um dos novos paraquedistas italianos devidamente equipados. — Mussolini passa revista a um corpo de exército que vai partir para a frente russa. — Reabastecimento duma vedeta rápida italiana no alto mar. — O Príncipe de Piemonte conversando com um oficial que vai partir, com o seu regimento, para a frente oriental.

Figuras e imagens da TURQUIA

A TURQUIA É UM PAÍS MODERNO. Durante séculos e séculos, foi vedado às mulheres o acesso aos lugares públicos e às profissões liberais. Hoje, elas podem exercer, não só a advocacia, como também a própria magistratura.

O PRESIDENTE ISMET INONU interessa-se muito pelo bem-estar do povo. Vêmo-lo na foto, em cima, conversando com alguns aldeões, durante uma viagem que fêz à província. Em baixo: O Presidente, com sua família.

Em cima: ESTAMBUL, a antiga Constantinopla, com as suas mesquitas e palácios. À esquerda: O famoso palácio do Bosforo, antiga residência do terrível «sultão vermelho», que é hoje departamento do Estado; uma repartição oficial onde o público é atendido por jovens mulheres. À direita: O tradicional véu, que cobria os rostos femininos e que foi abolido por Kemal Ataturk nos grandes centros, é uso que ainda hoje se mantém nalgumas aldeias turcas.

Uma empregada dos «GRANDES ARMAZENS»

novela por Graciette Branco

MARIA Luiza era uma interessante empregada dos «Grandes Armazens» duma capital elegante. Os seus olhos claros e luminosos faziam voltar muitas cabeças e o seu sorriso tranqüilo, onde havia tanto de honesto como de gracioso, bastas vezes tinha feito nascer elogios em várias bocas...

Quando o Pai ainda existia e a sua voz rude mas amiga troava no modesto quarto andar da Rua dos Salgueiros, tudo era diferente na vida de Maria Luiza.

Havia roupa nas gavetas, rosas nas jarras, pão em fartura e até manteiga e até leite e até acepipes de «pessoas finas». Tinham criada. A Maria Luiza e as duas irmãzitas mais novas — a Noémia e a Leonor — iam à escola e aos domingos o Pai comprava um camarote e levava tôda a família a um cinema de «rèprise».

Mas o Pai faltou um dia, de repente, com uma sincope cardíaca, e a Maria Luiza, daí a um mês, entrava para os «Grandes Armazens», tôda metida no seu vestido preto, olhando a vida, a mêdo, com os seus puros olhos, grandes e luminosos.

Adeus, curso dos liceus!! Adeus, bordado a matiz!! Adeus, francês!! Adeus tudo!

Agora, era trabalhar, aturar os risos trocistas das companheiras e, talvez, as grosserias descompostas dos patrões.

Havia, no entanto, na alma resignada de Maria Luiza, uma tal qualidade de adaptação, o trabalho passava-lhe pelas mãos tão ao de leve que ela sentia-o, apenas, como um floco de algodão em rama. O seu sorriso tudo aligeirava; o seu olhar, tranqüilo e claro, iluminava o espaço à sua volta, e dir-se-ia até que ela pisava a vida, quási aèreamente, como as alvéolas elegantes e espirituais que mal tocam no solo...

E... as companheiras embirravam com ela, por causa disso.

* * *

Uma tarde, estando Maria Luiza ao balcão, chegou uma estrangeira que foi atendida por uma sua colega. A senhora era francesa e a rapariga via-se em sérios embaraços para a compreender. Após várias tentativas da empregada, Maria Luiza avançou, com simplicidade, dizendo-lhe sorridente:

— «Non, Madame. Nous n'avons pas le tissu que vous désirez mais nous avons d'autres aussi jolis que celui-là».

A estrangeira sorriu, agradecida por ela lhe haver simplificado a situação e encantada com o seu suave sorriso.

Maria Luiza ficou ao balcão a atendê-la e a colega afastou-se, furiosa e despeitada.

No dia seguinte, estava Maria Luiza tôda entregue ao trabalho de colocar etiquetas nas diversas peças de tecido à sua guarda, quando o senhor Albuquerque, sobrinho dum dos donos dos «Grandes Armazens», passando pela secção, preguntou às empregadas:

— «Qual foi das meninas a que atendeu ontem Madame Vernier, falando-lhe em francês?»

A Gabriela, uma ruiva de grandes olhos de côr indecisa, respondeu, apontando Maria Luiza:

— Foi aquela. A Maria Luiza Arroio.»

O senhor Albuquerque olhou-a, com os seus fundos olhos observadores e, sorrindo, disse-lhe amàvelmente, enquanto passava pelos cabelos espelhantes de brilhantina, uma das mãos onde cintilava uma admirável esmeralda:

— «Felicito-a! Madame Vernier foi encantada consigo. É sempre agradável haver uma empregada que saiba falar aos estrangeiros.»

Maria Luiza, vermelha como uma papoila, respondeu apenas, enquanto punha e tirava a mesma etiqueta, atrapalhada e nervosa:

— «Muito obrigada, senhor Albuquerque!»

... ...

E o caso é que, desde essa manhã de Maio, em que descia do Céu, amolecendo a terra, um morno aroma de primavera, o senhor Albuquerque, raro era o dia em que não descia à secção das sedas, com o pretexto fútil de isto ou de aquilo, demorando-se uns dez minutos a conversar com a Maria Luiza Arroio...

Escusado é descrever a teia de intrigas e invejas que se agitava no grupo das suas colegas de balcão.

— «Que me dizem vocês à sonsinha, hein?!...»

— «Êle não a larga porque vê que ela é fácil!...»

— «...Não!... Havia de ser pelos seus lindos olhos!...»

— «Que menino!... O Albuquerque!...»

— «Mas a palerma pensa que êle anda perdidinho de amores por ela!...»

— «Pois pensa!...»

— «E se nós lhe fizéssemos uma partida?!...

— «Óptimo! Óptimo! Venha lá uma ideia!»

— «Olhem: mandamos-lhe uma carta a fingir que é escrita por êle, declarando-lhe o seu amor. Eu tenho jeito para imitar letra de homem!»

— «Bravo! Bravo! Valeu!...»

E a pobre da Maria Luiza, sem suspeitar da armadilha que lhe preparavam na sombra, continuava a cumprir o seu trabalho, conscientemente, honestamente, como nos primeiros dias.

A conspiração crescia, a ocultas, e a Ricardina — a alma danada do grupo — apareceu, certa manhã, com a carta já escrita e um sorriso triunfante no rosto sardento. Como formigas atraídas para um prato de guloseimas, tôdas as outras correram curiosas, rindo e cochichando baixinho:

— «Lê lá, anda!»

— «Deixa lá ver isso!...»

— «'Tá calada! Deixa-a ler!...

E a Ricardina leu, a meia voz:

«Menina Maria Luiza:

Desde que o meu olhar teve a dita de a ver, logo o meu coração **pulçou** de paixão pela sua esbelta figura.

Dará-se o caso da menina Maria Luiza querer **asseitar** esta minha **declarassão** de amor?

Espero o seu sim, que fará de mim o homem mais feliz desta vida.

Dêste seu **apaichonado**

José Albuquerque.»

Um bravo em unissono coroou o **sublime** trabalho epistolar de Ricardina.

— Esta é que é para mim. Podes lê-la.

— «Está óptimo!»
— «Estupendo!»
— «Agora fecha-a, anda.»
— «Quando é que lha dás?»
— «Tu mesma é que lha entregas?»
— «Pois! Finjo que fui ao escritório e que êle me pediu para eu lha entregar.»
— «Óptimo! Óptimo!...»

O grupo desfez-se, sùbitamente, com o aparecimento duma empregada superior e o dia seguiu o seu curso normal.

Eram seis horas da tarde quando Ricardina, passando junto às colegas, lhes disse baixinho, piscando o ôlho, num sorriso intencional:

— «É a altura!! Atenção! Vai ficar doida de contente!!»

E os olhos das raparigas, no antegôzo da cena, brilhavam de emoção e alegria, irradiando centelhas de luz...

A Maria Luiza dobrava, nesse momento, uma peça de seda branca. Ricardina, com um ar estudadamente natural, chegou-se ao pé dela, estendendo-lhe a carta:

— «Olha, Maria Luiza: fui ao escritório do senhor Albuquerque levar uma factura e êle pediu-me para te entregar esta carta. Oxalá que sejam boas notícias!»

Um pouco surpreendida, Maria Luiza rasgou o sobrescrito e o seu olhar claro e luminoso mergulhou na estreita fôlha de papel barato.

Tranqüilamente, ante o olhar extático de Ricardina e das companheiras, que não perdiam um só dos seus gestos, Maria Luiza meteu, de novo, a fôlha de papel no sobrescrito, restituindo-lho e dizendo, a sorrir: — «Deves ter-te enganado, Ricardina: não é para mim!»

E metendo a mão no discreto decote da sua bata negra, exclamou, mostrando-lhe uma carta que rescendia a rosas:

— «Esta é que é para mim. Podes lê-la.»

Uma onda de raiva e despeito cobriu o rosto amarelento de Ricardina, ao ler, de raspão, mas gulosamente, estas palavras:

«Meu amor:

A tua imagem não me sai da lembrança. A tua dignidade, o teu sorrisinho tão simples e tão honesto, farão o milagre de eu te levar, pelo meu braço, ao altar, daqui a poucos meses. Dize a tua Mãe que logo à noite lá irei, na forma do costume, para combinarmos tudo.

Adoro-te cada vez mais.

Teu José»

De novo, Maria Luiza, sorrindo sempre, dobrou a carta e guardou-a no peito.

Ricardina, ao afastar-se, furiosa, tropeçou num banco e estatelou-se no sobrado...

Estalou uma gargalhada geral, logo abafada, pela voz da vigilante, a D. Matildinha, que resmungava, olhando o vago, por cima dos seus grandes óculos de tartaruga:

— «Meninas! Que falta de compostura! Ordem, ordem, meninas!...»

Estátuas na areia

A ESCULTURA NA AREIA é uma arte difícil. Mas na América do Norte, onde a vida de ar livre está extraordinàriamente divulgada, há muitas pessoas que utilizam as suas férias de praia para se adestrarem nessa modalidade artística. É o caso de Mary Sternberg, de quem publicamos uma foto que a mostra a trabalhar perante um lindo modêlo numa das lindas praias americanas da costa da Califórnia.

Fortalezas voadoras

Um dos grandes aviões bombardeiros «Boeing», fabricados na América e já ao serviço da R. A. F.

PARAQUEDAS...

Por Stuart Carvalhais

— O paraquedas, como o nome está mesmo a dizer, serve para atenuar a queda do tripulante dum avião que entrou em «panne».
— Sim, meu «primeiro»!

— Por exemplo: Vocês estão a voar a mil metros de altura. De repente, o motor pára. O que se deve fazer nesta altura?
— ?

— Vêem se o paraquedas está bem seguro e dão o salto para fora do avião. Depois, contam até cinco, puxam o cordel e êle abre...
— Sim, meu «primeiro»!

— Ó meu «primeiro»! E se o aparelho não abrir?...
— Parece que é parvo! Se não abrir, faz a sua reclamação por escrito e vai ao depósito buscar outro em condições.

Assim se passam as FÉRIAS na AMERICA

UM NOVO DESPORTO NASCEU NA AMÉRICA e está já muito divulgado. É uma adaptação da náutica aos grandes «rinks» de patinagem. Anda-se à vela e atinge-se à vontade uma velocidade de 30 quilómetros à hora. De inverno, em dias de frio sêco, pode fazer-se o mesmo desporto nas superfícies dos lagos gelados cuja espessura seja suficiente para permitir a sua prática. Êste e outros desportos são, nesta época de férias, o encanto da mocidade americana que vive em permanente alegria o tempo destinado ao seu descanso.